

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**CALMON [Moniz de Bittencourt], Pedro**

(Amargosa, Bahia, 1902 – Rio de Janeiro, 1985)

Pedro Calmon, historiador brasileiro, nasceu em 23 de Dezembro de 1902, em Amargosa, estado da Bahia e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 17 de junho de 1985. Descendente de famílias da aristocracia da Bahia e de Minas Gerais, era filho de Pedro Calmon Freire de Bittencourt e de Maria Romana Moniz de Aragão Calmon de Bittencourt. Ingressou na Faculdade de Direito da Bahia em 1920. Dois anos depois transferiu-se para o Rio de Janeiro, então capital da República, onde continuou os estudos e concluiu o curso na antiga Faculdade Nacional de Direito. Por aquela mesma ocasião assumiu as funções de secretário particular do ministro da agricultura Miguel Calmon, seu tio e padrinho de batismo, durante a gestão do presidente Artur Bernardes (1922-1926). Admitido no serviço público como conservador do Museu Histórico Nacional (1925), criou e ocupou a cadeira de História da Civilização Brasileira no curso de museologia, matéria, aliás, da qual também foi docente na efêmera Universidade do Distrito Federal, idealizada por Anísio Teixeira. Enveredou na senda política, tendo sido eleito deputado estadual e deputado federal pela Bahia, e mais tarde titular da pasta da Educação no governo de Eurico Gaspar Dutra (1950-1951).

No âmbito do magistério, sua atuação se dividiu entre o ensino de História do Brasil e o de Direito Público. Em 1934, prestou exame para livre-docente de Direito Público da Faculdade Nacional de Direito, e cinco anos depois foi nomeado catedrático da mesma disciplina, após ser aprovado em concurso público. Em 1955, mais uma vez por concurso público, conquistou a cátedra de História do Brasil do Colégio Pedro II, com a tese *O segredo das minas de prata: novos aspectos da conquista*. Lecionou, ainda, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e na Faculdade de Filosofia da Universidade Santa Úrsula. Paralelamente, desempenhou importantes funções na alta administração universitária: foi diretor da Faculdade Nacional de Direito (1938-1948) e, depois, nomeado reitor da antiga Universidade do Brasil, hoje em dia Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cargo que exerceu durante dezoito anos (1948 e 1966).

Pedro Calmon dedicou-se à pesquisa histórica e pertenceu aos quadros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi presidente (1968-1985), do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e da



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Academia Brasileira de Letras, bem como de entidades científicas da América Latina e da Europa, inclusive, da Sociedade de Geografia de Lisboa e das Academias das Ciências e da História de Lisboa. Neste sentido, cumpriu papel de primeira grandeza no estreitamento das relações culturais luso-brasileiras. Realizou diversas viagens de estudos a Portugal, participou de congressos, representou a Universidade do Brasil nas comemorações do IV Centenário da Universidade de Coimbra (1937), colaborou em coletâneas publicadas por autores portugueses e escreveu com Jaime Cortesão o volume intitulado *Brasil*, da coleção *Historia de América y de los pueblos americanos*, dirigida por Antonio Ballesteros y Beretta (1956). Foi delegado do governo brasileiro na conferência interacadêmica para o Acordo Ortográfico (1945), e dirigiu o Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto, no Liceu Literário Português (1947). Costumava dizer que “Lisboa por dentro e por fora era a Bahia (...) passara a amar Portugal, não por que tinha de magnífico, mas por que tinha de Brasil” (*Memórias*, 1995, pp. 126-127). Em 1987, dois anos após o seu falecimento, por sugestão da Academia das Ciências, a Comissão Municipal de Toponímia da cidade de Lisboa deu o nome de Pedro Calmon à antiga Rua Avelar Brotero, em Alcântara, como prova de reconhecimento pela sua contribuição à cultura luso-brasileira.

O historiador baiano deixou vasta obra bibliográfica, nos domínios da literatura, do direito e da história. Neste último, seu legado é bastante diversificado, abrangendo biografias, compêndios didáticos, estudos documentais, monografias e obras de história geral. Entre as inúmeras biografias que escreveu, há que se ressaltar a trilogia sobre D. João VI (*O rei do Brasil*), D. Pedro I (*O rei cavaleiro* - Pedro IV, de Portugal) e D. Pedro II (*O rei filósofo*), livro que depois seria ampliado e transformado no clássico *História de D. Pedro II*. Os primeiros trabalhos de Calmon contemplam vultos e temas relacionados com a colonização da sua terra natal, a Bahia. Porém, passo a passo, seu foco se desloca para o exame da história geral do Brasil, por certo, estimulado pelo aparecimento da *Coleção Peoples et Civilisations*, em 1926, dirigida por Louis Halphen e Philippe Sagnac. Sintomaticamente, a primeira incursão de Calmon no campo da história geral tem por título *História da civilização brasileira* (1932), e marca o início da produção de grandes sínteses, que culminariam com a publicação da *História do Brasil*, em 7 volumes (1959). Outro aspecto da sua metodologia de trabalho que também lembra a coleção francesa é a prática das edições revistas e aumentadas.

Pedro Calmon compartilhava de uma concepção de história “historista ou historicista romântico-erudita” (A. Wehling, “Apresentação” a Pedro Calmon, *História da civilização Brasileira*, 2002, pp. 17-18), herdeira da tradição historiográfica estabelecida no Brasil por Francisco Adolfo de Varnhagen no século XIX. Talvez pudesse ser qualificado como um historiador romântico tardio, por assim dizer. Entretanto, a essa matriz historiográfica que privilegia o Estado-Nação ele procurou combinar com as orientações de Capistrano de Abreu e de outros autores contemporâneos, inclusive Lucien Febvre até então desconhecido no Brasil, incorporando em suas análises aspectos geográficos, econômicos e sócio-antropológicos. Assim, para além



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de examinar o processo de formação territorial e evolução da organização político-administrativa do estado nacional, suas sínteses englobam a economia, a vida social, as letras e as artes, buscando, enfim, apreender o que o ele denominou de “espírito brasileiro”.

De um modo geral, as obras de Calmon revelam uma visão empática e às vezes simpática da colonização portuguesa. Na fundação de Salvador, por exemplo, num arroubo retórico, reporta-se ao “gênio colonial português”, quem sabe, influenciado pelas análises de Gilberto Freyre, autor que cita frequentemente. Não obstante, ele condena as práticas da Inquisição, o absolutismo dos reis e o despotismo implacável das autoridades metropolitanas, no que se refere à exploração das riquezas da colônia, em particular, o ouro da região das Gerais, “donde tirava Portugal os recursos peciosos para as espantosas despesas de D. João V” (*História da civilização Brasileira*, 2002, pp. 157-158). Por outro lado, o historiador baiano projeta uma imagem positiva da atuação dos jesuítas, adotando o ponto de vista de Nóbrega e Vieira quanto aos colonos na questão indígena. E vai mais longe. No seu entender: “os jesuítas concorreram intelectualmente para este ‘abrasileiramento’ do colono fazendo-se indianistas (...) Em vez de europeizar-se o selvagem, foi o branco que se indianizou (...)”. Segundo Calmon, os jesuítas possuíam a vocação de conagraçamento, o que “explica parte da evolução nacional, pelo menos este Brasil mameluco, mestiço, harmonioso na aparente confusão étnica, afinal equilibrado e como veremos – quase homogêneo” (*Idem*, pp. 49-50).

Na época em que foram lançadas, as grandes sínteses de Pedro Calmon alcançaram significativa repercussão, talvez porque se destinassem, sobretudo, aos estudantes secundários e universitários. Basta lembrar que a *História da civilização brasileira*, teve três edições no Brasil apenas na década de 1930, sendo ainda publicada em espanhol, na Argentina, em 1937. Seja como for, sua fortuna crítica é bem modesta para um autor tão prolífico, traduzido em diversos idiomas e tantas vezes reeditado. Nas últimas décadas do século passado sua opulenta produção historiográfica foi relegada ao esquecimento, em detrimento das interpretações de cariz marxista e das novas abordagens propostas pelo movimento de *Annales*. Calmon passou a ser percebido como um historiador superado, “de direita” e “nostálgico do Império” (REIS, 2008, p.21 e p. 85), cujas contribuições primavam pelo excesso de figuras de retórica. Não obstante, a leitura de suas obras menos conhecidas revela algumas surpresas. Melhor dizendo, incursões por temas instigantes, que hoje em dia bem poderiam ser enquadrados nos domínios da história cultural, a exemplo do livro *História do Brasil na poesia do povo*, em que reúne trovas de rua, músicas e críticas populares a personalidades da política e a acontecimentos marcantes da vida nacional. Do mesmo modo, em *Figuras de azulejo. Perfis e cenas da História do Brasil*, ele surpreende com textos que se assemelham a exercícios de micro-história, em que joga luz sobre aspectos do cotidiano da colônia, heróis anônimos e vultos históricos, costumes religiosos e tradições



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

mundanas, além de comentar livros, obras de arte e descrever os amigos brasileiros do poeta Bocage, entre outros assuntos.

**Bibliografia activa:** *História da Bahia*. (1927). 2ª edição. São Paulo: Melhoramentos 1928. *História da civilização Brasileira* (1932). Brasília: Senado Federal, 2002 (Coleção Biblioteca Básica Brasileira). *O rei cavaleiro: Vida de d. Pedro I* (1933). 2ª edição. São Paulo: Ed. Nacional, 1943 (Coleção Brasileira, vol. 226); 3ª edição. Porto: Lello e Irmão, 1952. *O rei do Brasil: Vida de d. João VI*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. *História social do Brasil*, 3 vol. 1ª edição. São Paulo: Ed. Nacional, 1935-1939 (Coleção Brasileira, vols. 40, 83 e 173). *O Império português da América do Sul: muros e santuários*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia, 1937 (separata - I Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo). *O rei filósofo: Vida de d. Pedro II*. São Paulo: Editora Nacional, 1938 (Coleção Brasileira, vol. 120). *Por Brasil e Portugal: sermões do Padre Antonio Vieira*, comentados por Pedro Calmon. São Paulo: Ed. Nacional, 1938 (Coleção Brasileira, vol. 108). *Figuras de azulejo. Perfis e cenas da História do Brasil*. Rio de Janeiro: A Noite, [s.d.]. "Brasil político-militar". In: CAYOLA, Julio (org.). *A Restauração e o império colonial português*. Lisboa: Ática, 1940. *História do Brasil na poesia do povo* (1941). 2ª edição aumentada. Rio de Janeiro: Bloch, 1973. *Brasil - Libro Primero De los Comiezos a 1799*. Coautoria com Jaime Cortesão. Barcelona: Salvat Ed. 1956 (tomo XXVI da *Historia de América y de los pueblos americanos*, dirigida por Antonio Ballesteros y Beretta). *Brasília: Catedral do Brasil: história da igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Promoções, 1970. *O que a América portuguesa deu ao mundo*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1972 (separata Actas do Colóquio Presença de Portugal no Mundo). *História de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, 5 vol. *Introdução e notas ao Catálogo Genealógico das Principais Famílias de Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1985. *Memórias*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995 (livro póstumo).

**Bibliografia passiva:** BOAVENTURA, Edvaldo Machado. *Na trilha de Pedro Calmon*. Salvador: Quarteto: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2010. VALE, Nayara Galeno do. "Considerações sobre a escrita viajante de Pedro Calmon". In: *Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Saberes e práticas científicas*. Rio de Janeiro: Ed. ANPUH-Rio, 2014. Disponível em: [XVI Encontro Regional de História](#). Acesso em 07/06/2016. VALE, Nayara Galeno do. "Hélio Vianna e Pedro Calmon: identidade do historiador e embates em torno da escrita da História do Brasil". In: *Anais Eletrônicos - XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH – Conhecimento histórico e diálogo social*. Natal (RN): Associação Nacional de História (ANPUH), 2013. Disponível em: [XXVII Simpósio Nacional de História](#). Acesso em 10/06/2016. WEHLING, Arno. "Apresentação". In: CALMON, Pedro. *História da civilização Brasileira* (1932). [4ª edição]. Brasília: Senado Federal, 2002 (Coleção Biblioteca Básica Brasileira). WEHLING, Arno. "A história em



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Pedro Calmon – uma perspectiva historista na historiografia brasileira”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 160 (404): 605 – 612, jul./set. 1999. REIS, José Carlos. Civilização brasileira e otimismo ultraconservador (ingênuo): Pedro Calmon e a visão romântica e cristã da nação brasileira. In: \_\_\_\_\_. *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda* (2006). 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, pp. 33-86.

Lucia Paschoal Guimarães



APOIOS:

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

**BNP** BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO  
LUSO-AMERICANA